Fleury, Renato Sêneca

...Ao passo das

caravanas

R. S. FLEURY
AO PASSO DAS CARAVANAS
Edições Melhoramentos

Histórias Maravilhosas — Livro 20

AO PASSO DAS CARAVANAS

por

RENATO SÊNECA FLEURY
Da Academia de Ciências e Letras de São Paulo

Edições Melhoramentos

ÍNDICE

Felicidade

Junto à porta oriental de Diarbekir, cidade turca com mais três portas nos seus dez «caminhos de um sábado» (1), de muralhas, cada uma voltada para um ponto cardeal, encontrei o árabe Jucí-Ben-Seldjí, a vender figos frescos, roxos, numa pequena cesta.

Surpreendeu-me aquilo. Dois dias antes, tornara-se êle um dos homens mais ricos da cidade, graças à generosidade de um parente opulentíssimo, que lhe doara grande fortuna.

A cidade inteira se admirara daquilo, e todos louvavam o desprendimento do generoso doador.

Era, realmente, fato singular, único talvez.

Aproximei-me do felizardo, e êle me ofereceu figos, ao irrisório preço de um *lepto* (2) cada um.

---

(1) Antiga medida geográfica judaica, equivalente a 1 quilômetro.

(2) Moeda antiga, correspondente a 5 centavos nossos.

— Que Alá seja louvado pelo infinito dos séculos! disse-lhe eu. Que edificante exemplo de amor ao trabalho... Um milionário a vender figos!

Jucí-Ben-Seldjí olhou-me sem o menor enleamento, esboçou um riso condescendente por entre fartas barbas grisalhas e me respondeu:

— Como vos enganais, amigo! Já não sou o milionário, que pensais...

— Por Alá, o Exaltado, não vos compreendo! Que fizestes da fortuna, que vos caíu às mãos?

— A fortuna? Já não a tenho. Entanto, não a esbanjei, nem muito menos a perdí no jôgo...

— Menos ainda vos entendo. Acaso destes aos pedintes tanto dinheiro?

— Também não!... Mas a verdade é que estou pobre outra vez.

— Tendes o desejo de me deixar cada vez mais surpreso, sem revelar-me o que se passou convosco?

— Se estais disposto, ouví-me!

Forçou-me a aceitar alguns figos e contou o seguinte:

— Eram duzentos ciclos e mil dracmas (1), tudo em moedas de ouro!

---

(1) *Ciclo* de ouro, moeda do valor de 230 cruzeiros; *dracma* de ouro, moeda do valor de 70 cruzeiros.

E continuou:

— Bem vêdes que era mesmo uma fortuna, ainda mais para quem estava, como estou agora de novo, na maior pobreza...

— Fostes roubado?!

— Não! Escutai. Pobre, com minha mulher e meus filhos (Alá é justo e misericordioso!) reinava, contudo, entre nós, a melhor paz.

Eu, porém, de contínuo me lamentava, chegando por vezes a verter copioso pranto por causa de nossa pobreza.. Muitas vezes duvidei do Altíssimo e proferí heresias... Onde a bondade de Alá? inquiria eu, revoltado mas vencido, por não compreender que a vitória está na resignação.

A fortuna, porém, me veio às mãos, inesperadamente. Dádiva, como sabeis, de um parente riquíssimo e bondoso.

E uma grande bolsa, repleta de moedas de ouro, foi conduzida para o interior de meu calmo e honrado lar.

— E' a felicidade que aquí vem, dizia minha mulher e repetiam meus filhos.

— E' a felicidade, confirmava eu, enviada graças à infinita justiça do Exal-

tado, pelas mãos do nosso generoso parente.

Jucí-Ben-Seldjí continuou, oferecendo-me outro figo:

— De posse de tão grande riqueza, era preciso dar-lhe aplicação. Então, propús à mulher e aos filhos, com parte do dinheiro, adquirir uma propriedade, onde cultivaríamos uvas, pêssegos, figos...

Não pude concluir, porque ela, exaltando-se, gritou para mim:

— Louco! Insensato! Pretendes trabalhar em tão árduo mister, com a fortuna em casa? Basta de fadigas e sofrimentos... Compraremos uma bela vivenda no melhor ponto da cidade, e vamos passar folgadamente o resto de nossa vida...

Ora, eu, que nunca ouvira de minha mulher uma palavra áspera ou a menor censura, estranhei-lhe os arroubos, a arrogância e impertinência, pelo que, mais asperamente ainda e já de punhos cerrados, avancei para ela, a dizer-lhe em altos brados:

— Imprevidente! Maluca! Perdeste por completo o senso! Queres acaso pôr fora *meu* dinheiro?

— *Meu?* repetiu ela, de olhos chispantes. *Nosso!* Mais meu de que teu...

Enfurecí-me, e não sei que sucede-

ria, se meus filhos não me tivessem contido, agarrando-me energicamente e até magoando-me os braços, que ainda estão manchados...

Serenada aquela triste cena, arrependidos todos, tomei em silêncio a bolsa de moedas e, ante a aprovação tácita da mulher e dos filhos, que me olhavam silenciosos, fui imediatamente devolver a fortuna ao parente rico... Ela nos trouxera a desharmonia, a infelicidade da família, nem bem entrara no meu modesto e honrado lar. Que aconteceria quando a estivéssemos desfrutando?

E concluiu:

— Aquí me vêdes, pois: pobre, mas de coração tranquilo. E' isto a felicidade.

Saí, pensando numa história, que ouví a célebre narrador de lendas. Era semelhante à que me contara o vendedor de figos... História que se realizara, portanto.

O diamante perdido

Desprendera-se um dos valiosos diamantes róseos de uma jóia predileta de Sami-Yusuf, a cruel sultana de Icônio, na antiga Capadócia.

Isso em tempos que a tradição não registrou.

Somente um homem de confiança poderia incumbir-se de reincrustar a preciosa gema. Era Alí-Ben-Said, famoso joalheiro, especialista em cravações, gênero de trabalho em que ninguém lhe ultrapassava a perícia.

Sami-Yusuf encarregou-o, pois, de recolocar na jóia o valioso diamante.

O joalheiro desfez-se em mesuras e agradecimentos, aos pés da sultana, depois de haver beijado três vezes a terra entre as mãos e elevado os braços aos céus em louvor de Alá, que lhe concedera a imensa graça de prestar serviços à soberana.

Alí-Ben-Said transportou a jóia para sua tenda, a fim de desincumbir-se da honrosa tarefa.

Ao entregar-lhe a jóia, porém, Sami-Yusuf, por cautela, fizera a verificação do número de seus diamantes, que representavam grande fortuna — pedras raríssimas pelo tamanho e colorido.

Eram elas dispostas segundo o desenho a seguir. Contando-se os diamantes a partir da base (B) até o extremo de cada ramo lateral (D e E), eram vinte pedras.

Não foi de outro modo que a sultana procedeu à contagem.

Sucedeu, porém, ao joalheiro Alí-Ben-Said, inesperado infortúnio: ao chegar à casa, deu por falta do diamante sôlto. Perdera-o durante o trajeto.

Ficou o pobre homem como alucinado. Ia ser tido por ladrão e bem sabia o triste fim de sua vida de trabalhos e privações: teria a cabeça cortada.

Porisso fez mais duas vezes o mesmo trajeto, de sua casa ao palácio da sultana, de olhos no chão, vendo se conseguia encontrar o diamante.

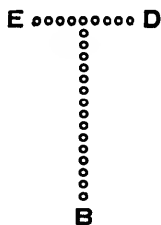
Não o achou, porém.

Tornou à casa, um tanto abatido, mas ainda esperançado de uma solução para o gravíssimo caso.

Examinou detidamente a jóia, fez seus cálculos e conseguiu recompô-la de modo que, mesmo faltando uma pedra, a contagem da base a um dos extremos laterais continuava a ser de vinte pedras.

O que, a um superficial exame, parece impossível, é, no entanto, demasiadamente simples. (Procure o leitor a solução, antes de prosseguir na leitura desta breve história.)

* * *

O inteligente Alí-Ben-Said resolveu o problema da seguinte maneira: destacou os dois diamantes dos extremos dos ramos laterais (D, E) e colocou um deles onde estivera a pedra perdida; o outro diamante foi colocado na base (B) por baixo da última pedra, ficando a jóia completa, como no desenho seguinte:

Vê-se que a contagem de B a D ou a E continua sendo de vinte diamantes, embora desfalcada a jóia de uma pedra.

Com êsse ardil conseguiu o joalheiro livrar-se da morte certa.

Os três obreiros

No caminho que de Jerusalém vai a Jericó, passando junto a Getsemani, no monte das Oliveiras (pois há outra saída pelo vale de Cedron, ou Josafá), estavam três obreiros, ao sol causticante da Judéia, entregues a seu árduo trabalho, o mesmo para cada um deles.

Era nos tempos messiânicos (1).

Procedente de Betânia, em seu fogoso cavalo árabe, e seguido de numeroso séquito de lanceiros, vinha o tetrarca Herodes Antipas, que tinha visitado a Peréia, uma das divisões das terras do Além-Jordão.

Avistando de longe os três trabalhadores, destacou Herodes a um de seus soldados para perguntar-lhes o que estavam fazendo.

Os obreiros, sem suspeitar de quem se tratava, responderam ao lanceiro, cada um por sua vez:

— Meu trabalho consiste em *tirar*...

— O meu (que é igual ao de meu companheiro) consiste em *aumentar*...

— E o meu — disse o terceiro tra-

(1) Época em que viveu Jesús.

balhador — que é o mesmo trabalho de meus dois companheiros, consiste em *tirar e aumentar...*

Voltou o soldado a Herodes e lhe transmitiu as palavras dos três obreiros.

Ficou o tetrarca ao mesmo tempo indignado e curioso. Que ousadia tiveram os humildes operários, mandando-lhe tão insolente resposta!... Entretanto, que estariam fazendo aqueles homens?

Perguntar ao lanceiro? Não! Seria melhor ir ver de perto.

Herodes tocou-se para o lugar onde os três continuavam o trabalho.

E verificou que estavam cavando um poço.

De extremo a extremo

Apresentou-se perante o califa El-Munzen, senhor do fertilíssimo oasis de Eseben, no ocidente da Arábia, o arruinado comerciante de especiarias da Índia, El-Sid-Abdo, para pedir-lhe um emprêgo.

Qualquer colocação servia, pois o candidato necessitava ganhar o seu sustento e o da família.

Não se negou o califa El-Munzen a

servir ao infeliz árabe, tanto que lhe disse, paternalmente:

— Tenho cinco lugares e posso colocar-te em qualquer deles, à tua escolha.

E continuou:

— O primeiro rende vinte dracmas por semana e exige oito horas diárias de trabalho; o segundo rende quarenta dracmas e o trabalho é de quatro horas por dia; o terceiro rende oitenta e o trabalho é de duas horas; o quarto rende cento e sessenta para uma hora de serviço diário; finalmente, o quinto rende trezentas e vinte dracmas e o serviço diário é de meia hora.

El-Sid-Abdo não pensou um segundo sequer: escolheu êste último emprêgo.

Foi nomeado imediatamente, pelo que o grão-vizir do palácio o conduziu ao lugar onde tinha de exercer suas novas atividades.

Mas, ao saber quais eram elas, encheu-se o árabe de pavor e desistiu do cargo, pois o trabalho consistia em lavar, durante meia hora, diariamente, um soberbo tigre africano, que, a-pesar-de domesticado, já havia tirado a vida, em circunstâncias horríveis, como é fácil de imaginar, a vinte tratadores...

— Desisto dêste emprêgo e prefiro o primeiro! exclamou El-Sid-Abdo.

Atendido, foi encarregado de polir, todos os dias, os ladrilhos do palácio.

A ambição, de um lado, a falta de coragem, de outro, e principalmente a precipitação da escolha, levaram o negociante arruinado de extremo a extremo, pelo que se viu, por sua própria culpa, mal servido.

Os outros três empregos eram os melhores: primeiro, segundo e terceiro amanuense da secretaria do califado.

Condecorações

Aquele ancião respeitável, inteiramente desconhecido na cidade — pois se tratava de um forasteiro — despertava geral admiração.

Rigorosamente trajado de preto, à moda ocidental, os moradores de Derbe tinham a atenção voltada para as numerosas medalhas, de todos os tamanhos e feitios, que lhe cobriam o peito.

Faziam-se mil conjeturas a respeito e diziam que se tratava de um diplomata francês, em viagem de recreio pelo Oriente Próximo.

Outros afirmavam que êle era um grande almirante grego, reformado, herói de algumas batalhas no Adriático e no Egeu.

Dizia-se, ainda, que se tratava de um marechal sérvio, possuidor de numerosas comendas, condecorações e medalhas de valor militar pelos seus inestimáveis serviços à pátria.

Por onde aquele personagem andasse, notava-se movimento de curiosidade, e era com atitude respeitosa que os transeúntes lhe davam passagem, saudando-o muitos deles com sorrisos e mesmo discretos gestos de admiração.

O austero forasteiro logo se percebeu alvo de atenções gerais, o que muito convinha a seus desígnios.

Quando, porém, recebeu de um dos homens ricos da cidade convite para certa recepção, vendo-se tratado por general e almirante ao mesmo tempo, sentiu-se obrigado a comunicar que, infelizmente, não poderia comparecer.

Por certo! Êle, um simples vendedor de medalhas e enfeites, de que se fazia mostruário ambulante...

Quem com ferro fere...

O poderoso sultão da Turquia, Bejazeto I, da famosa dinastia dos otomanos, era orgulhoso e cruel.

Nos tempos de seu govêrno — século quatorze — os povos do Oriente europeu (húngaros, búlgaros, gregos e outros) temiam os muçulmanos, cuja excelente organização militar lhes ia garantindo o melhor êxito nas guerras de conquista.

Bejazeto I, apelidado «o Relâmpago», devido à impetuosidade de seu caráter, era bom guerreiro. Desbaratou uma cruzada de cavaleiros franceses, conquistando, também, a Bulgária.

E' bem simples conceber as crueldades que iam assinalando essas vitórias, das quais muito se ufanava o crudelíssimo sultão turco.

Condenações à morte, prisões perpétuas, cativeiros, martírios a inimigos submetidos, eram coisas triviais, que não moviam a piedade dos conquistadores.

Não é de admirar, portanto, que o sultão otomano enfrentasse o exército do bárbaro Timur-Leng, ou Tamerlão (Timur, o coxo), soberano de Dajagatai e

descendente do famoso Gengiscan ou Temugdin que, no século XIII, se fizera o supremo chefe das hordas de tártaros-mongóis, de audácia e ferocidade inomináveis.

Timur-Leng, à frente de oitocentos mil tártaros e mongóis, se fizera contra Bejazeto I, a pedido do imperador grego de Constantinopla, a opulenta capital bizantina, que os turcos ardentemente queriam conquistar.

Arrogante, o sultão da Turquia foi esperar o bárbaro inimigo em Ancira, não recusando combate. Sentia-se garantido pelas fôrças de Janízaros, os mais aguerridos soldados de seu poderoso exército.

Bejazeto queria aprisionar Timur-Leng e submetê-lo aos mais terríveis suplícios.

Ao cabo, porém, de porfiadíssima batalha, foi Bejazeto aprisionado pelo chefe inimigo, que o encerrou numa gaiola de ferro.

O bárbaro Timur-Leng, também cruel, igualara o sultão otomano a uma fera, e o enjaulou...

Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

Desígnios do onipotente Alá, de infinita sabedoria e justiça.

O vinho que não se acaba

Na feira de Medina estava um homem a vender vinho, um pouco distanciado dos outros mercadores.

Tinha um barrilete apenas, com menos de dois palmos de altura.

Passavam por êle os compradores e se riam daquilo.

— Porque não bebes teu vinho, antes que o vendas para embriagar todos os moradores de Medina?

Não se aborrecia o mercador com tais gracejos.

Achegaram-se, porém, dois homens de grandes barbas grisalhas e vistosos turbantes de sêda verde, ornados com safiras côr de melão, e um deles perguntou quanto queria por aquele vinho.

O mercador, imperturbável, respondeu:

— Duzentos óbolos! (1)

Espantaram-se os interessados.

— Que Alá se compadeça dêste maluco!...

— Pedir por um *semi-hin* (2) de vi-

---

(1) *Óbolo* = 60 centavos, valor presumível em confronto com o valor atual da moeda brasileira.

(2) Semi-hin = 3 litros e $\frac{1}{4}$.

nho o preço de um *letec?* (1) Que absurdo!

Obtemperou-lhes calmamente o mercador:

— Não sois obrigados a comprar de meu vinho. Encontrareis aquí na feira outros muitos vinhos até mesmo ao baixo preço de um *dispôndio* (2) a *décima* (3). Mas êste, aquí...

— Porque pedes tão elevado preço?

— Peço por êle duzentos óbolos, porque êste pequeno barril de vinho é inesgotável...

— Doido! Doido! exclamaram os dois, a rir.

Imperturbável sempre, o mercador ponderou:

— Doido? Não! Que me dareis, se vos provar, matematicamente, o que acabo de afirmar-vos?

Respondeu imediatamente um dos interpelados:

— Comprarei teu vinho pelo preço que pediste — duzentos óbolos!

— Vamos à prova, disse o mercador. E perguntou em seguida:

— Se de um barrilete de vinho,

---

(1) *Letec* = 195 litros.

(2) *Dispôndio* = 80 centavos, valor presumível em confronto com o atual valor da moeda brasileira.

(3) *Décima* = 4 litros.

como êste, eu consumir metade, quanto restará?

— Outra metade!

— E se eu consumir metade dessa metade, quanto ainda restará?

O cálculo era simples:

— Restará ainda um quarto!

— E consumindo-se metade de um quarto, quanto ficará?

— Um oitavo!

— Consumida a metade de um oitavo, qual a sobra?

— Um dezesseis avos...

— E ainda consumindo-se metade de um dezesseis avos, quanto restará?

— Basta! Basta! Já compreendemos, exclamaram os dois compradores. Provaste — acrescentou um deles — matematicamente, que êste vinho é inesgotável...

Foram pagos os duzentos óbolos, e alí mesmo, com grande alegria, os três esgotaram rapidamente o barrilete.

Com a mesma moeda...

Estávamos eu e o cameleiro Abiud no pequeno café situado na praça central do *bazar* (1) de Damasco, a comentar a

(1) *Bazar* é o bairro comercial.

próxima partida de uma grande caravana para o Egito, quando vimos chegar um jovem muçulmano libanês e pedir café.

O dono do estabelecimento serviu-o sem demora.

O rapaz ia sorver a preciosa bebida, mas susteve o gesto e somente aspirou com insistência o aroma do líquido fumegante.

Não bebeu. Deixou o café sôbre a mesa e ia retirar-se, quando o negociante advertiu-o de que não havia sido paga a despesa.

— Proteja-me Alá e seu Profeta! Estou esquecido hoje... Quanto devo?

— Deve-me apenas um asse (1), preço corrente de um café.

O moço libanês tirou da algibeira um punhado de moedas, escolheu a de um asse e atirou com ela no ladrilho do chão, fazendo-a *tilintar*.

— Ouviu bem? perguntou em seguida ao negociante.

— Sim! Não é falsa!

Apanhando a moeda e metendo-a na algibeira, o moço respondeu:

— Bem sei que é legítima...

E fez menção de sair, mas o dono

---

(1) *Asse* = 40 centavos, valor presumível em confronto com o valor da moeda brasileira.

do café o deteve pelo braço, delicadamente:

— Como? Não queres pagar-me, então? Esqueceste outra vez?

— Não! Mas desejo advertir-te de que já estás pago.

— Pago? De que modo, se guardaste a moeda?!

— Ora, amigo! O *cheiro* do café, que aspirei, acaso não está perfeitamente pago com o *som* da moeda, que acabas de ouvir?

E se retirou, deixando o negociante desapontado.

* * *

Então, disse eu ao cameleiro:

— Parece-me que já ouví contar, não sei onde, nem quando, uma história parecida com o fato que acabámos de presenciar...

Êle me respondeu:

— E' possível. Tenho ouvido muitas narrativas. Quantas delas não se parecem! E quantos fatos tenho presenciado, que confirmam a verossimilhança de certas histórias!

Concluiu o cameleiro:

— Eu ia referir-te um conto, cujo assunto era, aproximadamente, a cena

que testemunhamos agora. Podes crer que eu o tinha inventado!

Para livrar-se do castigo

O sultão de Tjatira, cidade turca situada na antiga Lídia, era dos mais irascíveis e perversos de que há memória.

Basta referir que costumava castigar severamente a todo aquele que lhe fosse portador de má notícia.

Entretanto — (*Cheitan*, o demônio, seria mais terrível?) — exigia que as más novas lhe fossem prontamente comunicadas, pois dizia: — Como sultão, preciso estar ciente de tudo quanto se passa em meus domínios.

Diariamente ordenava aos algozes os mais rigorosos castigos contra funcionários e empregados do palácio, que se viam coagidos a levar toda e qualquer informação ao soberano.

Os fatos mais destituídos de valor davam aso a tais castigos.

O sultão era implacável.

Viesse o jardineiro, por exemplo, comunicar a morte de um pombo do parque (ai dele se o não fizesse!) e recebia imediatamente, pelo menos, dez chibatadas.

* * *

O zelador do luxuoso canil do soberano encontrou morto o cão favorito de sua majestade: um belíssimo perdigueiro, mestre no seu mister.

— E esta, agora? Preciso levar a má notícia ao sultão. Que tremendo castigo me espera!...

Teve, porém, uma idéia: carregou o cão nos ombros e foi depô-lo, resolutamente, aos pés do sultão, sem nada dizer.

Surpreendido, o monarca exclamou:

— Morreu o meu pobre cão!

— Vós próprio o dissestes! apressou-se o zelador em declarar. Não eu!

Compreendendo a astúcia do servo, riu-se o desalmado soberano e lhe disse:

— Tu te livraste de um rigoroso castigo, por não teres, realmente, proferido qualquer palavra para me cientificar da morte de meu cão favorito. Como zelador do canil, estás salvo...

E acrescentou:

— Em verdade, o castigado deveria ser eu mesmo, o que, entretanto, não pode suceder ao sultão. Mas, quem me substitue nos meus impedimentos, é um dos meus vizires, seja para que for...

O zelador estava radiante...

O sultão concluiu:

— Eis porque, pelo prazo de meia hora, estás nomeado para o alto e honrosíssimo cargo de meu primeiro vizir!

* * *

Dalí a momentos, ouviu-se o estalar de trinta chibatadas.

Nunca jogues as pêras com teu amo...

Ciladas

Íamos, eu e o amigo Tugrul-Iuçufe, certa madrugada, em passeio pelas ruas de Bagdad, a luxuosa e opulenta capital do Islam, quando nos chegou aos ouvidos, do lado da mesquita de Moisés, o lamento de algum notívago, a implorar socorro.

— Precisamos ajudar a êsse infeliz, cujos gemidos só não enternecem o coração dos ímpios, disse-me o companheiro.

Respondí:

— Nem eu nem meu amigo devemos atender a êsses apelos, na calada da noite, vindos de uma silenciosa rua da «Pérola do Islam (1)...»

---

(1) Bagdad.

O amigo inquiriu, admirado:

— Que dizes? Acaso és tu um dêsses ímpios? Pois eu não sou indiferente à dôr alheia.

— Não! protestei imediatamente. Não sou ímpio, e o sofrimento alheio me compunge...

E acrescentei, energicamente:

— Ouve meu conselho e não vás! A menos que não te arreceies de sofrer, como sofrí, há menos de dois anos, por ter ido em socorro de um perverso, altas horas, neste mesmo bairro, atendendo a seus lamentos dolorosos.

— Que te sucedeu? inquiriu Tugrul-Iuçufe, cheio de curiosidade.

— Aconteceu-me isto:

(Abro, aquí, um parênteses necessário. Meu conhecimento com aquele amigo datava de menos de um ano. Residíamos ambos no Hotel do Oriente, propriedade de um francês, e daí nossas relações, íntimas e mui cordiais).

— Aconteceu-me isto: altas horas, alí por detrás da mesquita, ouví angustiosos pedidos de socorro. Acudí, dei com um homem caído, como desmaiado — pois então já nem se movia, e seus lamentos lhe haviam morrido na garganta —. Pressuroso, tentei soerguer-lhe

a cabeça. Fui por êle agarrado, vencido e despojado de meu dinheiro...

— Oh! Eras tu?...

Tugrul-Iuçufe, com estas palavras, se denunciara...

Perguntei, com horror:

— Como? E' lá possível? Tu?!...

Êle me serenou, pois que eu me havia prudentemente afastado:

— Não! Eu? Não! Nunca! Quem te assaltou, foi êsse mesmo homem, que agora pede socorro...

— Como, então, se o sabes, querias ir-lhe ao encontro? Não posso compreender...

Iuçufe me disse melancolicamente:

— Tem confiança e vem comigo. Vamos ter com êsse homem. E' meu conhecido, respeita-me, obedece-me, teme que o denuncie... Coisas do mundo!... Estou tentando desviá-lo do mau caminho. Havia me prometido abandonar essa vida criminosa e aventureira, que eu já deixei, roído de remorsos...

Mas vejo, agora, que tenta repetir as façanhas, que um dia o levarão a ser decapitado. Como agradeço ao onipotente Alá o ter-me regenerado!

Vamos! Vem comigo!

Fui. Logo adiante, demos com o tal sujeito, oculto num desvão.

Tugrul-Iuçufe acenou-lhe com os braços. Êle se aproximou e ambos caíram sôbre mim, despojando-me de jóias e duzentas libras turcas.

Que Alá lhes dê o perdão!

Recompensa

Almejava, o esforçado e mui diligente Alí-Said conseguir, à custa de seu trabalho, melhor pôsto na administração do Califado de Bagdad, ao tempo do famoso Arun-Al-Raschid.

Modesto serviçal do palácio do califa, tudo fazia por ser pontual e exato no desempenho de seus deveres, aliás mui simples.

Assim que o soberano terminava as abluções e preces matinais, logo ao nascer do sol, orações a que os muçulmanos denominam *sefer*, levava-lhe o prestimoso servo o *narguilé* de ouro e prata, ébano e marfim, bem provido de aromático tabaco de Smirna e, logo a seguir, sem atraso de um minuto sequer, vinha com a bandeja de ouro e o serviço de porcelana chinesa, para servir ao «Comenda-

dor dos crentes» o negro café da Arábia, amargo, quente, perfumoso.

Todos os dias se lhe renovavam esperanças de um olhar condescendente do califa e consequente melhoria de situação.

Mas Arun-Al-Raschid não se dignava dirigir os olhos para o humilde servo.

Isto, porém, não o demovia de seus intentos.

Certa vez o califa, ao receber o café, deu com um fio de cabelo branco na bandeja.

Enfureceu-se e gritou para o servo:

— Que falta de cuidado! Um cabelo, aquí! Que significa isto?

Sem perturbar-se, Alí-Said respondeu:

— «Comendador dos Crentes»! Isto significa que já estou velho demais para servir ao meu grande califa!... Pode Vossa Majestade, se lhe aprouver, eliminar-me do serviço...

Só então Arun-Al-Raschid encarou o antigo servo e lhe notou as cãs.

E surpreso:

— Já tão velho assim?

(O humilde serviçal iniciara muito jovem seus trabalhos no palácio).

Depois de refletir alguns momentos, disse o califa:

— Encanecido no labor constante, a que te vens dedicando com zêlo invulgar, tu te fizeste merecedor de estima e respeito.

E continuou:

— Êsses cabelos brancos te conferem o direito de subir de pôsto. Nomeio-te meu conselheiro!

Alí-Said viu satisfeito, assim, seu desejo de tão longos anos, justamente na hora em que, por ter praticado involuntariamente a primeira falta, esperava receber humilhante castigo.

O homem das sete profissões

O emir de Perges fez anunciar que necessitava de um funcionário para o serviço de sua secretaria.

Não demorou se apresentassem dois pretendentes, logo conduzidos à presença do soberano, que perguntou ao primeiro:

— Quem sois?

O interpelado respondeu singelamente, curvando o corpo e estendendo os braços:

— Sou homem bastante necessitado de recursos para sustento da família...

O emir interrompeu:

— Apenas isso?

— Isso apenas, confirmou o candidato.

Os vizires, alí presentes, riram-se com desdém.

Dirigindo-se ao segundo pretendente, o emir perguntou:

— E vós, quem sois?

O interrogado passou as mãos pelas fartas barbas negras e disse, pausadamente:

— Permita-me Vossa Majestade que apresente os documentos comprovantes de minhas habilitações.

E, a gestos lentos, solenes, foi desenrolando sôbre a mesa do emir, um a um, os documentos.

Ao primeiro — título de doutor em leis — o emir se mostrou entusiasmado, exclamando:

— Oh! Tenho, na minha presença, um douto!

Os vizires sacudiram a cabeça, em sinal de aprovação.

Ao segundo — título de doutor em medicina — exclamou ainda o soberano:

— Médico! Muito bem!

Os vizires entreolharam-se, admirados.

Ao terceiro — título de doutor em matemáticas — disse o emir:

— Também matemático...

Ao quarto — título de professor de humanidades — o emir balbuciou apenas:

— Professor...

Os vizires estavam admirados. Como podia um homem possuir tão vasta erudição?

Havia mais títulos, entretanto.

O quinto era de doutor em filosofia, e o emir examinou-o sem nada dizer.

O sexto era de doutor em ciências naturais, e o sétimo, de doutor em ciências físico-químicas.

Já o emir se mostrava desinteressado pelo pretendente tão cheio de diplomas.

Voltando-se para o primeiro candidato, nomeou-o para o cargo, despedindo o homem das sete profissões.

Os vizires ficaram espantados.

— Não vos admireis, ponderou-lhes o emir. Um homem com tantos títulos não deveria andar à cata de um emprêgo de funcionário. Se o faz é porque, tendo tantas profissões, não se mostra capaz em nenhuma. Vem pedir simples cargo de

amanuense, o que prova sua incapacidade...

E concluiu, indicando o preferido:

— Êste, sim, é o homem de que necessito: franco e modesto, como se requer. E' o homem que precisa sustentar a família, e isto diz tudo.

A partilha

Eram dez raríssimos rubís do Oriente, das famosas jazidas de Ceilão.

Valiam certamente uma fortuna, porém aqueles que os herdaram precisavam primeiro partilhar o precioso legado.

Difícil partilha, entretanto.

Havia de ser feita nas seguintes condições: um têrço dos dez rubís pertenceria ao herdeiro mais próximo — um irmão do falecido joalheiro de Mosul, a legendária cidade do Irak, à margem direita do histórico Tigre; outro têrço caberia a um sobrinho do extinto; e a sexta parte a um primo em segundo grau.

Eram, aliás, os três únicos parentes e legítimos herdeiros do riquíssimo fabricante e negociante de jóias recém-falecido e cujos haveres, constantes somente das dez preciosas gemas, montavam, não obstante, a um valor considerável.

Nada mais embaraçoso, porém, do que atender às determinações do testamento.

Como obter a têrça e a sexta parte das dez pedras?

E' claro que nenhuma deveria ser fragmentada. Além disso, feita a partilha, não deveria haver sobra.

Ora, os três felizardos viram desde logo ser-lhes impossível resolver o caso.

Mesmo que lhes fosse dado obter a têrça e a sexta parte de dez pedras, sempre restaria um sexto, na partilha, pois um têrço, mais um têrço, mais um sexto somam cinco sextos.

Embaraçados, recorreram à sagacidade de um *cadi* (1), o respeitável Al-Beit-Ibn-Chagri, e expuseram as dificuldades em que se viam.

Começou o *cadi* por mostrar-lhes que o menos aquinhoado deveria receber metade das pedras legadas a cada um dos outros herdeiros, isto é, um sexto, pois é elementar a noção de que a sexta parte é metade de um têrço.

A seguir, o cadi colocou os dez magníficos rubís alinhados em sua mesa de trabalho e lhes reuniu dois seixos,

---

(1) Juiz, entre os muçulmanos.

apanhados alí mesmo, à entrada da casa.

Disse, então, Al-Beit-Ibn-Chagri, o juiz perspicaz, aos três herdeiros:

— Eis aquí tendes doze pedras. Segundo a vontade de quem vos legou as preciosas gemas, um têrço cabe ao irmão.

Dirigindo-se a êste, ordenou-lhe:

— Retirai, pois, quatro rubís — a têrça parte de doze pedras.

Disse em seguida:

— Outra têrça parte cabe ao sobrinho do falecido joalheiro. Podeis retirar também quatro rubís! ordenou ao segundo contemplado, que retirou sua parte.

E concluiu:

— Ao primo do falecido cabe a sexta parte, justamente as duas preciosas gemas restantes, ou seja metade do que coube a cada um dos dois primeiros.

Feita a partilha, por modo tão exato, o cadi atirou fora, displicentemente, os dois seixos.

Retiraram-se os três moços, muito satisfeitos com a solução do embaraçoso problema, tanto mais quanto nenhum fôra prejudicado. Ao contrário, (não houve sobra, como determinava o testamento!) cada qual recebeu um pouco mais.

Pagamento justo e original

Soubera o cultivador de figos Eliud-Eliacim que seu vizinho Aminadab-Raab estava disposto a vender no todo ou em parte, um bom terreno, limítrofe, aliás, com as pequenas porém produtivas terras de Eliacim.

Foi êste propor a Raab ficar com a metade do terreno, sendo logo aceito o negócio.

O preço de todo êle era de doze minas (1), pelo que a metade custaria seis.

Foram, pois, medir o lote e marcar-lhe as divisas.

Ora, o comprimento do terreno era de oito estádios (2) e a largura, de quatro.

Aminadab-Raab mediu, no comprimento, a metade, ou sejam quatro estádios, e na largura também metade ou dois estádios. Colocou estacas assinaladoras das divisas nos pontos necessários e deu-se pressa em receber o pagamento das seis minas.

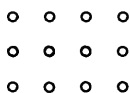
Então, Eliud-Eliacim, que não era nenhum tolo, tirou da sua bolsa de couro

---

(1) *Mina* — moeda antiga do valor de Cr. $650.00 (valor presumível, em confronto com o atual valor da moeda brasileira).

(2) *Estádio* — 185 metros.

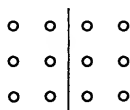
de camelo tanto como doze minas, preço de todo o terreno, e dispô-las no chão da seguinte maneira:

o o o o
o o o o
o o o o

A seguir, explicou ao vendedor:

— Para marcar a metade do terreno, dividiste, primeiro, o comprimento ao meio, não foi?

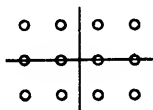
— Sim! confirmou Aminadab-Raab.

— Então, para efetuar o pagamento, eu também preciso dividir ao meio, utilizando-me desta varinha, o grupo de doze moedas, assim:

o o | o o
o o | o o
o o | o o

E acrescentou:

— Depois, dividiste ao meio a largura do terreno...

— Perfeitamente! concordou Raab.

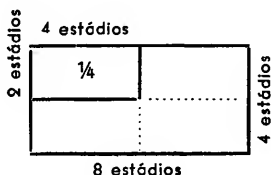
— Pois vou dividir, também ao meio, servindo-me desta outra varinha, a largura do grupo de moedas, dêste modo:

E concluiu:

— Pertencem-te duas minas, como vês, mais duas meias minas — três minas ao todo — que correspondem exatamente à parte do terreno que me foi vendida!

Aminadab-Raab quis protestar, mas Eliud Eliacim provou-lhe que estava certo. O preço pago correspondia exatamente à porção de terreno marcada, sem o menor dolo.

Raab aprendeu que não convém querer fazer os outros de tolos, pois frequentemente são muito mais ativos do que pensamos.

* * *

Raab, é claro, não dividira o terreno ao meio, mas demarcara a quarta parte, uma vez que havia dividido tanto o comprimento como a largura por dois, como o demonstra o desenho seguinte:

Confronte-se êsse desenho com o da divisão do grupo de doze moedas e ver-se-á que se correspondem perfeitamente.

Pertencem, a cada quarto, duas moedas mais duas meias moedas, isto é, três moedas.

Pela quarta parte do terreno, foram pagas três moedas, a quarta parte de doze, que era o preço de todo o terreno.

* * *

Quando Ben-Rachid me contou essa história, eu disse, a rir:

— De fato, foi um pagamento justo feito por modo inteiramente original.

Êle me sugeriu, então:

— Registre o conto no seu próximo livro, com êsse título!

E' o que ora faço.

Irreflexões

Gabava-se Amin-Ben-Car de ser perito em matemática. Resolvia os mais intrincados problemas, fazia rapidamente e com admirável segurança os mais difíceis cálculos, nenhuma questão, que lhe propusessem, ficava insolúvel, por mais complicada que fosse.

A fama de Amin chegou ao conhecimento do emir Abud-Bued, senhor do opulento oasis de *Mec-lim-sarieramat*, ou

melhor «oasis das cem mil tamareiras», pois outra não é a significação das palavras que compõem o estranho nome.

Êsse grande emir era amigo da ciência e fazia-se rodear de homens sábios, aos quais dispensava larga proteção.

Desejoso de acolher em sua faustosa côrte o célebre matemático, mandou propor-lhe residir no palácio, mediante vantagens irrecusáveis.

Aceitou Amin-Ben-Car prontamente a oferta de Abud-Bued.

Até que enfim iria viver folgadamente e cercado de prestígio, por seu saber.

No palácio, deu Amin numerosas provas de sua invejável capacidade. A todos causou espanto pela facilidade com que resolvia os mais embaraçosos problemas.

Era um verdadeiro divertimento para o emir e seus cortesãos a apresentação de questões matemáticas, que o sábio solucionava com incrível rapidez.

Um dia o guarda das cavalariças mandou pedir consentimento ao soberano para apresentar ao matemático algumas questões.

O emir concedeu generosamente a permissão solicitada pelo seu humílimo

servidor. E autorizou-lhe vir à presença do sábio.

E' claro que os cortesãos se reuniram, curiosos, no salão onde o emir costumava presenciar as provas do matemático, ansiosos por conhecerem os problemas que o ignorante guarda das cavalariças apresentaria à argúcia de Amin-Ben-Car. Que poderia o pobre homem perguntar ao grande sábio?

— Quais os problemas que tens? inquiriu displicentemente o matemático, assim que o guarda lhe foi apresentado.

— Coisas fáceis para um sábio, mas difíceis para um pobre ignorante, como eu...

— Pode fazer as perguntas!

O guarda das cavalariças perguntou:

— De 5 a 6, quanto vai?

— Vai um!

— E de 5 a 7, quantos vão?

— Vão dois!

— E de 5 a 8?

— Vão três!

— E de 5 a 9?

— Vão quatro!

— E de 5 a 10, quantos são?

— São cinco!

Disse o guarda, então, ao sábio:

— Errou, e logo depois direi porque.

Todos se riram da simplicidade do pobre homem. O matemático não se perturbou e pediu:

— Apresente outra questão!

O guarda formulou o segundo problema:

— Doze é divisível por três?

— Perfeitamente!

— E treze?

— Treze, não! E' um número primo, só divisível por si mesmo e pela unidade...

— Errou! disse o guarda, acrescentando: em pouco mostrarei o êrro.

Desta vez riram-se ainda mais, porém o matemático deixou transparecer uma ligeira perturbação.

— Posso fazer a terceira pergunta?

— Pode, respondeu Amin.

— Qual o dôbro de dez palmos em quadro?

— Vinte palmos... respondeu o matemático, já com certa indecisão.

— Errou de novo!

Ninguém se riu. Pôde, porisso, o humilde guarda, com toda a calma, mostrar aos circunstantes, que o seguiam atentamente, os três erros praticados pelo sábio: de cinco a dez não são cinco, e sim, seis (5, 6, 7, 8, 9, 10); treze pode ser

dividido por três, perfeitamente: o resultado exato é $4\,^1/_3$; o dôbro de dez palmos em quadro não é vinte, mas sim um retângulo de dez por vinte palmos.

Tudo tão elementar!

O emir Abud-Bued, dirigindo-se aos que o rodeavam, proferiu estas palavras:

— Êste meu modesto guarda acaba de dar-nos uma notável lição e é a seguinte: mesmo em presença das coisas que nos parecem mais simples, devemos sempre refletir. A irreflexão leva os mais sábios aos maiores erros na solução de problemas verdadeiramente infantís, como acabámos de verificar.

E mandou recompensar generosamente o guarda.

Economias...

O árabe Fuad-Mansur-Ebn-Fued, viúvo, com três filhos varões, desgostava-se dêstes, por serem desperdiçados.

Por mais que os censurasse, nada conseguia.

O azeite para as candeias durava uma semana, quando era suficiente para um mês... O pão era consumido em dôbro... A lenha para o fogão era queimada inutilmente, o dia inteiro.

E' verdade que os três filhos contribuiam, mensalmente, com importâncias iguais, para o sustento da casa.

Era o que alegavam, quando o velho pai lhes pedia fossem econômicos.

As moedas com que cada um ajudava o pai já não davam para as excessivas despesas.

Fuad-Mansur-Ebn-Fued pôs-se a estudar um meio de coibir os desperdícios dos filhos, visto como conselhos, admoestações, censuras, zangas e ameaças não tinham surtido efeito.

Uma tarde, reunidos todos, após o trabalho, para a refeição, disse o pai aos perdulários:

— De agora em diante não é preciso que me ajudeis com dinheiro. Basta que cada qual se encarregue de contribuir com gêneros de primeira necessidade, para consumo mensal.

E acrescentou:

— Fuerid, o mais velho, dará o azeite para as candeias; Faerad, o do meio, dará o pão; e Faraid, o mais novo, se encarregará da lenha...

Ao fim de alguns dias os três verificaram que os suprimentos tinham se esgotado rapidamente e tiveram de fazer novas compras.

Começaram, então, a economizar.

Já não se via Fuerid acender senão uma candeia em vez das cinco ou seis que mantinha, sem necessidade, todas as noites, até altas horas; já não se atiravam grandes pedaços de pão aos cães e aves domésticas, porque Faerad não admitia desperdícios, êle, o incumbido dos pães... E no fogão já não crepitavam fortes labaredas o dia inteiro, inutilmente, pois Faraid vigiava a lenha...

O velho pai observava aquilo, calado, mas jubiloso.

Vencera!

Vieram os filhos agradecer-lhe a providência: agora, contribuiam com menor soma, entretanto na casa não faltava a luz, e eram suficientes pão à mesa e lume no fogão.

Pedintes

— Quando estive em Medina, isso há bons vinte anos, disse-me o sírio Abdul Faraht, fui visitar a mesquita de Mafoma, situada na larga e feia praça de igual nome, num dos bairros mais despovoados da grande cidade do Islam.

Junto ao templo, encostado ao ângulo de uma coluna de mármore, estava

um mendigo, que me estendeu a mão, dizendo:

— Dai esmola a um pobre cego, e pedirei a Alá que vos faça feliz pelos séculos dos séculos!

Notei que o pedinte me olhava naturalmente, com olhos que me pareceram perfeitamente sãos. Dei de ombros, entretanto, e, por desencargo de conciência, tirei da carteira uma libra turca (moeda que tem curso em todos os países árabes), apresentando-a ao cego, para que me desse trôco. Claro que eu deveria dizer ao mendigo o valor da moeda e qual o trôco.

Não foi preciso dizer-lho, porém. Examinando a libra, com bons olhos, perguntou-me quanto deveria restituir-me.

— Como? disse eu, exasperado. Enxergas tão bem e tens a coragem de pedir esmola *para um pobre cego?!*

E exigí:

— Devolva-me essa libra! És um explorador da caridade...

O pedinte obedeceu, amedrontado.

— Pouca vergonha! Mentir assim, com tal descaramento!

Fixando-me então, resolutamente, o pedinte me disse:

— Mentira? Não! E' verdade que enxergo... Mas peço esmola, de fato, para um pobre cego...

— Que atrevimento!...

— O cego é meu velho pai!

* * *

Abdul Faraht continuou:

— Sabes que percorrí toda a Europa...

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Percorrí toda a Europa, principalmente Portugal... Em Coimbra, à porta da catedral, dei com um mendigo que, estendendo-me o chapéu com ambas as mãos implorou:

— Uma esmolinha para o pobre MANETA...

— Anda cá, amigo, disse-lhe eu. Dou-te a esmola, sem dúvida, mas quero que saibas que não me fazes de tolo! Com duas mãos dessas, a pedir esmola para um pobre maneta?!...

Nesse ponto interrompí Abdul Faraht, dizendo:

— Com certeza o maneta era o pai do mendigo...

Abdul me disse, a rir:

— A família inteira era maneta... O próprio mendigo!

— Maneta com duas mãos?

— Escuta, homem! Para provar o que dizia, o pedinte tirou do bolso uma velha certidão de idade, onde li: «... nasceu Antônio Maneta, filho de Joaquim Maneta e Maria Maneta...» etc.

* * *

— Desta vez foi na Síria, na minha terra natal, na culta cidade de Beirut.

À porta da universidade (eu, nesse tempo, tinha ido alí fazer um curso de aperfeiçoamento), encontrei um homem que pediu esmola para um pobre cego. Neguei e disse comigo mesmo (mas de modo que o pedinte pudesse ouvir-me):

— Cego, com êsses dois olhos bem abertos, por sinal que bonitos!...

Mal concluí, já o pedinte, de braços estendidos para a frente, conseguira tocar-me o sobretudo.

Parei.

Êle, então, metendo nervosamente as mãos ambas nas órbitas, arrancou seus olhos de vidro e exibiu um rosto indescritível...

Dei-lhe todas as moedas que trazia.

Castigos

Zangava-se o negociante de lenha Nassif Issuf com o filho mais novo, que lhe parecia um grande preguiçoso.

O menino tinha já seus bons doze anos, era forte, comia por dois e... dormia por quatro!

Zangava-se o velho Nassif porque, enquanto os outros filhos trabalhavam para ajudar no sustento da casa, o último filho, o Nacim, pouco dava de si e não raro era surpreendido a dormir a sono sôlto, quando sua obrigação era cuidar dos serviços que lhe competiam: varrer e limpar a casa, tratar da horta, pilar o trigo, conservar o lume do fogão, dar ração aos cães, lavá-los, zelar pelo pombal, além de outras ocupações domésticas muito próprias para um rapaz daquela idade.

Enquanto enfeixava a lenha, serrada em pedaços iguais e ia empilhando os feixes no galpão, Nassif acompanhava as atividades do menino, notando que, dia por dia, êle se tornava mais vagaroso, esquecido e dorminhoco.

Ora os cães ficavam sem água; ora

as pombas não recebiam ração; ora o fogo se apagava inteiramente.

Nassif explodia contra o filho e chegava a bater-lhe com uma vara.

— Filho ingrato e inútil! Não vales a décima parte do que comes! Se me fazes perder a paciência, sou capaz de...

Nacim, porém, humilhava-se e, com isso, continha a cólera paterna.

* * *

Todas as manhãs, ao reiniciar o corte e enfeixamento da lenha, Nassif se mostrava um tanto animado:

— Sim senhor! Tenho trabalhado bastante e com tal afinco, que nem dou pelo que faço... Pois não é que empilhei feixes até o telhado e nem dei por isso? Trabalho cada vez mais, e meus braços andam bem fortes... Que Alá me conserve em graça por toda a minha vida!

Era assim todas as manhãs. Até que um dia, Nassif, que bem notara o rendimento de seu trabalho de véspera, ficou surpreendido ao ver uma pilha de lenha muito maior. Era cedo ainda, muito mais cedo que de costume.

Ouvindo ruídos no compartimento destinado a serrar a lenha, Nassif para lá se encaminhou.

Deu com o filho, a cabecear de sono, de serra em punho, entre um montão de lenha...

Havia muitos meses que Nacim passava as noites ocultamente no trabalho, para ajudar ao pobre pai.

Só então Nassif notou que o menino estava pálido, magro, de olhos encovados.

Era quem mais trabalhava e sofria...

Se decifrares isto...

Estávamos a bordo de um navio turco, o pequeno *Ocrut*, de três mil e quinhentas e poucas toneladas, de quarentena ao largo do ancoradouro de Alexandria, pois havia seis casos de moléstia contagiosa entre a tripulação.

Rigorosamente impedidos de ir à terra pelas autoridades sanitárias, tínhamos, eu e meus vinte e poucos companheiros de viagem, de nos resignar a matar o tempo lendo jornais, revistas, livros e, frequentemente, decifrando enigmas, charadas, logogrifos...

Êstes divertimentos chegaram a empolgar a maioria dos passageiros, a tal ponto que até se organizaram concursos com valiosos prêmios.

E' claro que me via envolvido nos torneios, por mero companheirismo, sem me esforçar pelas soluções, pois nunca me afeiçoei ao gênero.

Como poderia sair vencedor?

Só mesmo por simples obra do acaso.

Uma tarde (sabe o amigo que sou sírio e leio muito a língua pátria), uma tarde, certo passageiro apresentou-me numa fôlha de papel, para que eu as decifrasse, várias palavras, que me eram absolutamente estranhas, escritas numa só linha.

Ainda aquí tenho o papel. Guardo-o porque tendo decifrado o que nele se lê, fui recompensado com êste belo e valioso relógio de pulso.

O amigo tirou do bolso uma carteira de *marroquim* filetada de ouro e, procurando entre documentos, retirou a tal fôlha de papel, que examinei atentamente.

Nela estava escrito o seguinte:

Arieslup oigóler osoilav uem o sárahnag, otsi serarficed ut es.

Não é preciso dizer que desistí de qualquer tentativa de tradução, pois não me sinto com pendores para adivinho.

Para dizer que se tratava de algum idioma ou simples dialeto, provavelmente balcânico, seria ir longe demais, pois só conheço o meu idioma...

O amigo perguntou-me:

— Não adivinhas?

— Eu?!

— Pois eu decifrei isso na mesma hora!

E explicou:

— No momento em que me foi apresentado êste papel, eu estava lendo um livro sírio. Sem dar pelo que ia fazer, por simples fôrça do hábito, li isso detrás para diante: é como se lê a língua síria. Daí o ter decifrado essas palavras e ganho êste valioso relógio pulseira!

Negócios

No «bazar» de Meca, a cidade santa do Islam (convém lembrar que «bazar» é o bairro comercial de uma cidade árabe qualquer) estava sentado num tamborete, à porta de seu estabelecimento, o negociante Latif-Ibn-Chueri, o mais ativo e pechincheiro da cidade. Só fazia negócios de ocasião, para ganhar muito, muito mesmo...

Passou por êle o comerciante Chucri-Ben-Zagreb que, proferindo o «salam» costumeiro (é a saudação dos árabes) ofereceu-lhe excelente negócio: duzentas ovelhas pelo têrço do valor.

— Aceito! Onde estão elas?

— Na pastagem de El-Bení.

— E' perto. Vamos vê-las.

Foram-se ambos.

O comprador olhou de longe e se agradou dos pacíficos animais, bem tratados e nédios.

Tirou o dinheiro e pagou.

Chucri-Ben-Zagreb agradeceu e partiu, deixando o amigo a contratar com alguns desocupados a condução do rebanho até uma propriedade, que tinha não mui distante.

Quando os homens se puseram a tanger as ovelhas, surgiu no outro lado da campina um desconhecido, a protestar em altos brados:

— Como vos atreveis a retirar desta pastagem o meu rebanho? Com que desfaçatez vos apoderais do alheio?

Aproximando-se de Latif, o desconhecido exibiu-lhe uma declaração de posse, escrita com todas as formalidades e ainda apelou para o testemunho

dos moradores próximos, que tudo confirmaram.

Latif percebeu que caíra num lôgro.

O legítimo dono daquelas duzentas cabeças, declarou admirado:

— Não conheço nenhum Chucri-Ben-Zagreb. Como poderia ter-lhe dado autorização para qualquer negócio? Comprei estas ovelhas ainda há poucas horas, pelo quinto de seu valor. Se quereis, em todo caso, dar-me por elas o têrço, serão vossas, já! Sou homem de negócios rápidos, para ganhar qualquer coisa!

Latif não pestanejou. Tirou o dinheiro e pagou, dizendo lá com seus botões:

— O lucro se torna menor, é verdade, mas ainda é bom negócio. As ovelhas valem um têrço a mais. Não importa que as tenha pago duas vezes...

E ordenou aos homens que tocassem o rebanho pela estrada.

Mal haviam dado uns quinhentos passos, eis que um segundo desconhecido, afobado, alcança o negociante Latif e, quasi a esbofeteá-lo, chamando-lhe ladrão, reclama as ovelhas:

— São minhas! Como ides vos apoderando do que é meu?

P. DE LARA

Exibiu uns papéis, chamou testemunhas e tudo ficou provado.

Latif percebeu que tinha sido vítima do segundo lôgro. Para remediar o mal, propôs comprar o rebanho:

— Dou, pelas ovelhas, o têrço do valór. Serve?

O outro aceitou de pronto:

— Perfeitamente! Paguei por elas, há poucas horas, o quinto do que valem. Aceito!

Rendendo graças a Alá (o Exaltado sempre nos vale nos momentos críticos, desde que tenhamos presença de espírito), rendendo graças ao Altíssimo, Latif-Ibn-Chueri pagou imediatamente.

— Não ganharei com a venda dêste rebanho, é verdade, mas não perco, e é isto, afinal, o que mais importa. Paguei por êle o preço corrente, e pelo mesmo preço terei de vendê-lo...

Lá se foram os homens, tangendo o rebanho, e Latif, mui contente por terse livrado dos embaraços.

Só agora, entretanto, prestou atenção às ovelhas e, com grande espanto, descobriu que tinham na orelha, a sua marca...

Céus! Latif comprara ovelhas que lhe haviam pertencido...

Terceiro lôgro?...

Recobrando a calma, porém, o negociante verificou que não tivera o menor prejuizo.

Como teria sido isso possível?

Muito simples: Latif-Ibn-Chueri vendera na véspera aquele mesmo rebanho, pelo justo valor e recebera o dinheiro; pela mesma importância, afinal, comprara-o agora, três vezes...

Tudo não passou de uma brincadeira de Chucri-Ben-Zagreb, que desejara pregar boa peça ao Latif, seu velho amigo, cujas manhas bem conhecia.

Fácil lhe fôra obter a cumplicidade de amigos.

Mandou a um deles, desconhecido de Latif, comprar dêste, diretamente, as ovelhas. Os outros se encarregaram das demais partes ou atos da comédia...

A ganância era, com certeza, o maior defeito de Latif-Ibn-Chueri.

Desde então êle se emendou, satisfazendo-se com lucros razoáveis. Não quis saber mais de comprar coisas pelo têrço, ou quarto, ou quinto do valor... A conciência (ou talvez o mêdo de perder) levou-o por melhor caminho.

Honrarias e sacrifícios

A côrte do imperador chinês *Ing-Fu-Ming*, talvez da dinastia de *Sung*, a oitava, já nos tempos medievais, enxameava de altos dignitários do Império; alguns, sem dúvida, merecedores das honras que o monarca lhes conferira, mas a maior parte, já se vê, constituída de venais e aduladores, que tudo faziam no exclusivo proveito próprio, pouco se lhes dando a sorte do país.

Entre êstes se sobressaía *Tseu-Kung-Fu*, sujeito cínico e mau, o mais adulador de todos os cortesãos e a quem o Imperador, entretanto, dispensava especiais atenções.

A maior ambição de *Tseu-Kung-Fu* era subir a ministro.

— Não chegou ainda tua vez, dizia-lhe o monarca, sempre que o alto dignitário insinuava a conveniência de ver-se elevado a um dos mais altos postos do govêrno do Celeste Império.

O imperador prometia:

— Há de chegar tua vez, há de chegar...

Retirava-se o hipócrita, com muitos salamaleques a sua majestade o impera-

dor mas, no íntimo, a remorder-se de ódio ao soberano.

Êste, imperturbável, lá dizia com seus botões:

— Chegará, sim, meu «caro» *Tseu-Kung-Fu*...

* * *

O pretendente ao pôsto de ministro do Império da Flor do Meio muito ambicionava as excepcionais vantagens de tão alta investidura: riquezas, honrarias, privilégios, autoridade e poder; festas, recepções, banquetes, viagens, dilatados períodos de ócio...

— Se Vossa Majestade me nomear, serei o mais fiel e diligente dos ministros! Tudo farei pela felicidade do meu imperador e da nação.

Ing-Fu-Ming esboçava um condescendente sorriso de agradecimento a essas palavras categóricas do vassalo e repetia:

— Tem paciência! Chegará tua vez.

* * *

Estala uma revolução contra o govêrno.

Contingentes das fôrças de terra e mar fazem causa comum com os insurretos. O populacho clama nas ruas. Luta-se desesperadamente em vários pontos da capital.

Ing-Fu-Ming manda vir à sua presença o candidato a ministro, o vassalo *Tseu-Kung-Fu* e lhe diz:

— Finalmente chegou tua vez! Nomeio-te ministro da defesa.

O alto dignitário, surpreso e indignado, ousou protestar, pois o mêdo o empolgava:

— Só agora Vossa Majestade se lembra de mim? Nesta hora tão angustiosa?

Responde-lhe o imperador, com ironia:

— Os grandes homens são para as grandes ocasiões...

E ordenou:

— Vai e cumpre teu dever, sob pena de morte!

Tseu-Kung-Fu teve que obedecer. Saíu à frente de uma grande fôrça legal, mas, antes mesmo do primeiro assalto, acovardado, bandeou-se para os revoltosos.

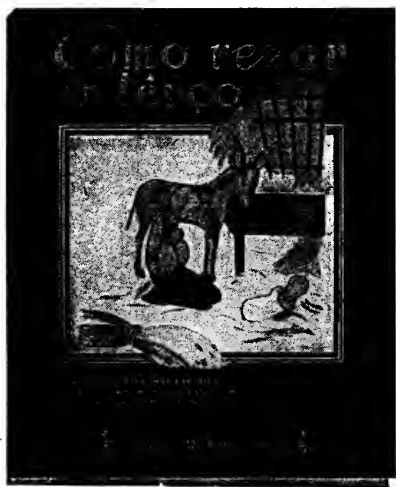
Êstes, porém, que o odiavam, cortaram-lhe a cabeça.

* * *

Consta que, por muitos anos, a partir de então, viu-se à entrada do palácio imperial esta advertência:

«Quando desejares um pôsto, esquece-te de suas vantagens, para pensares nos deveres e sacrifícios que exigirá de ti.»

O melhor presente para os seus filhos!

"Série de Ouro"

VOU ME CONFESSAR — VOU COMUNGAR
de Agnès Goldie — ilustrações de Jeanne Hebbelynck . . . Cr. $4.

OS MANDAMENTOS DA LEI DE DEUS
Os dez mandamentos explicados às crianças
de Agnès Goldie — ilustrações de Anker-Kjerulff . . . . Cr. $4.

COMO REZAR O TERÇO
do Pe. Lelong, O. P. — aquarelas de Maryse Biolley . . Cr. $5.

MEU AMIGUINHO SÃO GERALDO
do Pe. Ch. Dungler, C. Ss. R. — aquar. de Jeanne Guignard . Cr. $4.

OS ANJOS BRINCAM DE RÁDIO
da Abadia de Faremoutiers . . . . Cr. $5.

RICAS ILUSTRAÇÕES COLORIDAS E ELEGANTE APRESENTAÇÃO

Com aprovação eclesiástica

SANGRE OVEJERA

"SANGRE OVEJERA" es una hermosa novela de costumbres de los tierras patagónicas, que mereció el honor de ser incluída entre las nueve que el Jurado del Concurso Zig-Zag de 1939 recomendó para su publicación, previa una rigurosa selección de entre las 64 obras que se presentaron al Concurso.

N.º 648 — Preço dêste volume: Cr $ 5,00